

O LUTO AMOROSO,
UMA LEITURA DE *PAISAGEM COM DROMEDÁRIO*,
DE CAROLA SAAVEDRA

Patricia Mariz da Cruz (UNIFESP)

patricia-mariz@hotmail.com

Paloma Vidal (UNIFESP)

palomavidal@yahoo.com

RESUMO

Nascida da separação entre o homem e a natureza, a paisagem, no Romantismo, era considerada como o lugar da integração e da totalidade. Entretanto, tal conceito já não se configura do mesmo modo na contemporaneidade: a paisagem não está mais atrelada ao espaço geográfico; ela representa a fragmentação experimentada pelo homem. É diante de tal perspectiva que o terceiro romance de Carola Saavedra se desvela. Publicada em 2010 pela editora Companhia das Letras, *Paisagem com Dromedário*, apresenta o discurso amoroso da personagem Érika, que em 22 gravações, destinadas a Alex, rememora seu outro objeto amoroso ausente, Karen. Essas gravações expõem a intimidade da narradora-personagem e a escrita, subjetiva, faz com que temas como o amor, o luto e a melancolia emergem a partir do isolamento de Érika em uma ilha turística. Essa paisagem demonstra a fragmentação vivida pela personagem, uma vez que o lugar é apenas descrito; não é nomeado, mas que demonstra ser de grande relevância para a história: é através dela que as lembranças da personagem são (re)vividas e Karen, presentificada. Além disso, o exílio da narradora-personagem, que se constitui como a sua suspensão de interesse no mundo externo, é também considerada como um movimento natural da experiência do luto. A narrativa *Paisagem com Dromedário*, portanto, mostra a paisagem como um lugar de fragmentação e que motiva as gravações de Érika. É por meio dessas gravações que a narradora rememora seu objeto amoroso ausente e a presentifica, mantendo, assim, o laço amoroso que a liga a Alex. Além disso, a lembrança de Karen se constitui como um processo necessário à cura do processo de luto.

Palavras-chave: *Paisagem com dromedário*. Carola Saavedra. Crítica literária

1. Introdução

Publicado em 2010, pela Companhia das Letras, *Paisagem com Dromedário* é o terceiro romance da escritora Carola Saavedra, também autora de *Flores Azuis* (2007), *Toda terça* (2008) e *O Inventário das Coisas Ausentes* (2014). Apoiando-se na figura do outro e com tempo e espaços suspensos, a história se divide em 22 capítulos, apresentados por meio de gravações, em que o leitor é envolvido nas lembranças da narradora-personagem Érika, revelando as suas inquietações e a sua experiência a partir da morte de seu objeto amoroso, a jovem Karen. Ende-

reçadas ao outro vértice do triângulo amoroso, o artista Alex, a narradora transforma essas gravações em um diário, no qual relata sua experiência de luto e a sua vivência na ilha onde ela se encontra isolada.

Esse triângulo amoroso composto por Érika, Karen e Alex é desfeito a partir da morte de Karen, vítima de um câncer. Abalada, a narradora se isola em uma ilha que não é nomeada. O leitor somente tem acesso à descrição dessa ilha, um não-lugar, já que a ilha é um local de passagem, composta por turistas de diferentes nacionalidades e idiomas, que não se fixam ali, apenas ficam por poucos dias, atrás de dromedários, animais característicos do local:

A terra vulcânica, o mar e, bem perto do mar, um pequeno lago, a água avermelhada, acho que por causa do solo. (...) Hoje vim pela primeira vez para o trecho da orla onde os turistas desfilam. Curioso isso, as pessoas saem de férias, viajam, gastam tempo, dinheiro, e escolhem um lugar onde possam comer as mesmas coisas de sempre, falar as mesmas coisas de sempre, ouvir o mesmo idioma. De novo, apenas uma paisagem de cartão-postal. (SAAVEDRA, 2010, p. 15)

Além disso, por meio das gravações, a narradora rememora e apresenta Karen, seu objeto amoroso ausente, em uma tentativa de estabelecer o significado da presença da jovem para o seu relacionamento com Alex. Para Érika, em todas as relações, é necessária a presença de uma terceira pessoa, descrita como um elemento fundamental para que haja a união entre as outras duas e esse elo que a unia a Alex foi desfeito a partir da morte de Karen.

Desse modo, a morte da jovem representa para a narradora uma impossibilidade amorosa com o seu destinatário. O elo que os unia foi desfeito e somente por meio da rememoração e da sua elaboração discursiva, imortalizada através da gravação, é que Karen é presentificada, havendo ainda algo que os una e possibilite um relacionamento entre ambos.

É assim, diante de tal ausência, que esse trabalho busca uma reflexão sobre o luto amoroso vivido pela narradora-personagem Érika, de *Paisagem com Dromedário*. Tal experiência se configura como a temática central da narrativa de Carola Saavedra, em que a voz da personagem – em meio a definições do vocábulo “morte”, rememorações, presentificações e desinteresse pelo mundo externo - procura definir quais os papéis desempenhados por cada um dos vértices do triângulo amoroso, buscando a existência de uma possibilidade amorosa para com o destinatário de suas gravações, Alex.

2. *O luto amoroso: a experiência da narradora Érika*

Em um espaço não nomeado, em um tempo não delimitado, o leitor conhece a história de Érika, uma artista plástica que se encontra dentro de uma ilha, exilada, recuperando-se da morte de seu objeto amoroso, Karen. Não sabemos a quanto tempo a narradora está naquele local, sequer sabemos a quanto tempo a outra personagem faleceu: “Faz mais ou menos duas semanas que estou aqui. Talvez sejam apenas alguns dias, não sei. Alex, os dias passam de modo incomum neste lugar”. (SAAVEDRA, 2010, p. 10). A narradora-personagem apenas deixa o leitor saber da situação vivenciada por ela: “E eu, quanto tempo faz que estou nesta ilha? Uma semana, um mês, não sei ao certo. Às vezes acho que vou ficar para sempre presa aqui”. (SAAVEDRA, 2010, p. 41)

É desse modo, com tempo e espaços suspensos, que a história se divide em 22 capítulos, apresentados sob a forma de gravações, e endereçadas ao outro vértice do triângulo amoroso, o artista Alex. O leitor não sabe se as gravações, de fato, chegam até ele. Apenas o conhecer, assim como todos os outros personagens, por meio da fala da narradora e de suas lembranças.

É também dessa forma que a narradora Érika transforma as gravações em um diário, no qual relata sua experiência na ilha; a sua interação com os outros personagens, como Bruno e Vanessa, os donos da casa em que ela está; a empregada Pilar que, por alguns momentos, transforma-se na pessoa com que ela tem um maior contato afetivo; além de dr. Adrian, seu suposto caso amoroso. Entretanto, apesar da presença dessas personagens em suas gravações, são os dois vértices do triângulo amoroso, Alex e a jovem Karen, aqueles que possuem maior destaque em seus relatos e que são os protagonistas de suas memórias, projeções e questionamentos.

Esse triângulo amoroso, Érika – Alex – Karen, é desfeito a partir da morte da jovem e ela se revela para a narradora como o elo que a ligava ao seu destinatário, Alex. Em diversos momentos da história, a narradora pergunta a si mesma e a Alex como será a relação deles a partir da morte da jovem, demonstrando que esse terceiro elemento é fundamental em uma relação. Dessa forma, segundo Érika, as relações amorosas somente podem ser possíveis caso haja uma terceira pessoa:

É que as relações só existem assim. A três. É sempre necessário um terceiro, que ao ser excluído, possa, através de sua ausência estabelecer um elo entre os outros dois. Sempre alguém tinha que ser excluído. No nosso caso,

era Karen, eu pensava, mas agora não tenho mais tanta certeza. (SAAVEDRA, 2010, p. 36)

Dessa maneira, podemos compreender que a ausência ocasionada pela morte de Karen não uniu Érika e Alex, e sim, os afastou. Para a narradora, essa terceira pessoa dentro do relacionamento é quem dá a possibilidade para que haja uma relação amorosa. É somente por meio dela que as outras duas pessoas conseguem se relacionarem, conseguem manter o interesse mútuo. Ao se questionar como será a relação deles agora que Karen está ausente: “Alex, o que será de nós, agora que Karen não existe mais?” (SAAVEDRA, 2010, p. 65), a narradora demonstra que a jovem era a pessoa mais importante nessa relação a três e não era ela que poderia ser excluída; a sua ausência provocou um ruído entre Érika e Alex, constituindo-se como uma impossibilidade amorosa. É dessa forma, então, que o papel de Karen é definido pela narradora-personagem: a jovem é o elo que possibilita o relacionamento entre Érika e Alex.

Além disso, o leitor também conhece a experiência do luto vivido pela narradora que, em suas gravações, sempre se volta à morte de Karen. Para que ainda haja esse elo unindo Alex à narradora, a jovem se mostra fundamental: é necessário falar de Karen, rememorá-la. Esse processo se mostra como uma tentativa da narradora de presentificar seu objeto amoroso. Para Sigmund Freud, em *Luto e Melancolia* (2011), o luto passa por esse processo de presentificação, em que, para que a ligação com o objeto amado seja cortada, é necessário que ele seja presentificado. Dessa forma, percebemos que o luto corresponde a um processo de oposição, em que é preciso tornar presente o objeto amoroso, para depois retirá-lo de sua vida e, assim, voltar à realidade de ausência do objeto:

Então, em que consiste o trabalho realizado pelo luto? Creio que não é forçado descrevê-lo da seguinte maneira: a prova da realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Contra isso se levanta uma compreensível oposição; em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma oposição da libido, nem mesmo quando um substituto já se lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa que ocorre um afastamento da realidade e uma adesão ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo. O normal é que vença o respeito à realidade. (FREUD, 2011, p. 49)

Desse modo, o luto se constitui como um processo de rememoração, em que se revive situações por meio de lembranças em tempos e espaços paralelos, no qual passado e presente se confundem. Há, assim, uma suspensão de interesse no mundo externo e, conseqüentemente, no tempo presente, já que aquele que está ausente não se encontra nele e, por isso, o que é externo e atual não é interessante. O ausente pertence

somente ao mundo das lembranças, à rememoração e, com isso, o lugar ao qual ele se encontra é o passado. Para Freud, essa falta de interesse na exterioridade é natural e também faz parte de um estágio da experiência do luto, que é definido por ele como:

O luto profundo, a reação à perda de uma pessoa amada, contém o mesmo estado de ânimo doloroso, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este já não lhe faz lembrar o morto –, a perda da capacidade de escolher um novo objeto de amor – em substituição ao pranteado – e o afastamento de toda e qualquer atividade que não tiver relação com a memória do morto. (FREUD, 2011, p. 47)

Para Érika, essa falta de interesse no mundo externo é evidenciada por meio de seu trabalho com a arte. Desse modo, as suas pinturas, que antes lhe interessavam, já não possuem a sua atenção: "Digo isso porque agora, aqui, depois da morte de Karen, eu procuro a todo custo algo que me entusiasme, que me traga de volta o antigo vaivém de ideias e criações, e não encontro nada". (SAAVEDRA, 2010, p. 133)

Dessa forma, o luto é compreendido como uma vivência em que o mundo se tornou vazio, já que em nada lembra o objeto amado ausente, além de ser composto por etapas e que é superado de forma gradual, culminando em uma libertação.

Em *Diário de Luto* (2011), Roland Barthes, vivencia a mesma experiência de luto da narradora personagem de *Paisagem com Dromedário*, a partir da morte de sua mãe. Assim como Érika, ele também escreve sobre essa falta de interesse no que é externo e nas coisas que antes lhe interessavam. O luto mudou sua relação com a escrita, que era o seu ofício. Com a doença de sua mãe e a possibilidade iminente de sua morte, ele concentra as suas atenções aos cuidados dela e se esquece de viver; centrando-se somente em seu estado de saúde e a escritura passa a ter um outro lugar em sua vida; assumida conscientemente a partir da morte de sua mãe:

Ideia – assombrosa, mas não desoladora – de que ela não foi ‘tudo’ para mim. Senão, eu não teria escrito uma obra. Desde que eu cuidava dela há seis meses, efetivamente ela era ‘tudo’ para mim, e esqueci completamente que havia escrito. Eu estava perdidamente por conta dela. Antes, ela se fazia transparente para que eu pudesse escrever. (BARTHES, 2011, p. 16)

Assim, compreendemos por meio da escrita de Barthes que a morte mudou o modo de ver e de se relacionar com o mundo: o que antes tinha importância, agora já não tem mais; a morte não representa a libertação para cumprir seus desejos e sim, uma prisão de seu ser; ele está preso

à lembrança de sua mãe, à tentativa de dentro da ausência, torná-la presente. Assim, percebemos que com a morte, há a mudança de prioridades:

Os desejos que tive antes de sua morte (durante a sua doença) agora não podem mais ser realizados, pois isso significaria que é sua morte que me permite realiza-los – que sua morte poderia ser, em certo sentido, libertadora com relação a meus desejos. Mas sua morte mudou-me, já não desejo o que desejava. (BARTHES, 2011, p. 18)

Ainda para o teórico francês, o mundo significa a representação de sua inquietação; não era mais um lugar de amparo: “O mundo aumenta a minha tristeza, minha secura, meu desassossego, minha irritação etc. O mundo me deprime” (p. 123). Assim, o luto faz com que haja uma sensação de desamparo e viver no mundo pressupõe sentir-se sozinho, não tendo nenhum lugar alternativo (p. 24). O meio encontrado, então, para ter segurança e não se sentir sozinho, é por meio da escrita de um diário, como faz a narradora Érika. Logo, a escrita do diário possibilita a segurança e a companhia que foram perdidas com o luto.

Essa escrita em um momento de crise, de acordo com Phillippe Lejeune, em *Um Diário Todo Seu*, é uma característica de tal gênero. A necessidade de Érika de falar sobre Karen, também observada em Barthes, é descrita por Lejeune como uma maneira de sair da crise vivida, ou seja, um modo encontrado pela personagem e pelo teórico de se superarem a vivência do luto. É preciso lembrar o morto, imortalizá-lo na escrita do diário, esquecendo-se do mundo exterior, para superar essa experiência. Assim, por meio de suas reminiscências, elaboradas discursivamente em suas gravações, a narradora descreve e relata a sua experiência de luto, além de presentificar Karen, para que, assim, a jovem não seja esquecida e ainda se tenha um elo que possibilite o relacionamento com Alex.

Dessa forma, a escrita do diário é uma atividade de reflexão e que se relaciona com a memória e com o tempo, já que o diário pode ser entendido como a memória em papel, que evita o esquecimento e, consequentemente, imortaliza aquele que está ausente:

Essa atividade de reflexão, em diários de longa duração, está muitas vezes associada às funções de expressão e de memória. Mas representa o centro dos diários mantidos em momentos de crise. Um diário de crise está, se posso dizer assim, em busca de seu próprio fim. Buscamos uma maneira de sair da crise e, consequentemente, do próprio diário. (LEJEUNE, p. 277)

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

A escrita em momentos de crise é, então, um ato de construção, já que quem escreve quer expurgar tudo aquilo que lhe faz mal, para continuar vivendo: “Enquanto escrevo, ainda estou vivo. E depois, naquele momento em que meu corpo está sendo destruído, reconstruo-me através da escrita, anotando essa destruição” (LEJEUNE, p. 279). Logo, o ato de escrever, feito por Érika, serve como uma terapia, que a auxilia na cura do processo de luto.

Além disso, podemos perceber que em *Paisagem com dromedário*, a narradora Érika procura encontrar a definição para o que sente; a definição para o luto e para a morte. Em meio a diversas definições, a personagem conclui que o significado é construído por meio da individualidade, da subjetividade a partir da vivência dessa situação. Desse modo, para ela, a morte “não significa nada. Ou significa o que a gente quiser” (SAAVEDRA, 2010, p. 25) e, assim, o vocábulo “morte” pode significar várias coisas ou até mesmo nada, dependendo apenas de uma concepção particular e objetiva, sendo, por isso, única. Além disso, o “nada” descrito pela personagem, relaciona-se com o vazio, à ausência ocasionada pela morte. Para Barthes, porém, em diversos momentos de sua escrita ele procura uma definição que melhor se aplique ao que ele vivencia naquele instante. Ao contrário do que acontece com Érika, ele tenta nomear, busca no código linguístico um vocábulo que materialize o que ele sente e assim como acontece com a narradora de *Paisagem com Dromedário*, o luto para ele significa a ausência, que é comparada a uma ferida, e que dói:

Meu espanto – e, por assim dizer, minha inquietude (meu mal-estar) vem do fato de que, na verdade, não é uma falta (não posso descrever isso como uma falta, minha vida não está desorganizada), mas uma ferida, algo que dói no coração do amor. (BARTHES, 2011, p. 63)

Ainda para Barthes, o luto não é algo que se desgasta. É um sentimento estático, que piora com o tempo, já que no início é apenas um estranhamento e depois, define-se como uma “tristeza intensa e contínua” (2011, p. 82); além de ser imortal, assim como a própria morte, que para ele, define-se pela condição permanente de não viver mais no presente e no futuro; a pessoa morta pertence agora ao passado.

Apesar disso, conforme Érika constata em *Paisagem com Dromedário*, por mais que o indivíduo falecido já não exista mais, pertencendo ao passado, ele deixa suas marcas. E, assim, talvez, ele continue existindo. Dessa forma, ao deixar suas marcas e rastros, as pessoas se recusam a

morrer, apenas desaparecendo, mas, ainda sim, continuam presentes na vida de seus parentes, amigos e conhecidos:

A morte é uma coisa estranha, parece que as pessoas se recusam a morrer, e ficam ali, inflexíveis, por anos e anos. A pessoa desaparece, e ficam as suas marcas. As fotos, as roupas no armário. (...) Como se soubesse da importância de deixar um rastro, uma marca. Antes de desaparecer assim, de repente, sem que houvesse um final. Então ficou a marca. (SAAVEDRA, 2010, p. 49)

Dessa maneira, para Érika, todas as fotografias, roupas e outras marcas fazem com que os mortos e, conseqüentemente, Karen queiram se fazer presente. Por mais que a morte cause a ausência e o sentimento de vazio, o morto nunca ficará no passado, no tempo estático e do esquecimento, porque além de deixar os seus rastros, evidenciando que esteve ali; que ele esteve presente; ainda há as lembranças daqueles que conviveram com ele, que o presentificam. Além disso, a necessidade de falar sobre essa experiência, presente tanto em Barthes quanto em Érika, demonstra que a escrita também irrompe tempos e espaços, uma vez que ela além de materializar, imortaliza. Assim, o morto nunca ficará no esquecimento enquanto tiver sido imortalizado.

3. Conclusão

A narrativa de *Paisagem com Dromedário*, portanto, centra-se na experiência de luto amoroso vivido pela narradora Érika, que faz de suas gravações, um diário íntimo endereçado a Alex, o outro componente de um triângulo amoroso, desfeito com a morte da jovem Karen.

Por meio de uma elaboração discursiva fragmentária, a narradora - a única voz presente no romance, - procura definir os papéis desempenhados por cada vértice desse triângulo, a partir das rememorações de seu objeto de amor ausente. A jovem, então, é o terceiro elemento necessário para que haja a possibilidade de relacionamento entre Érika e Alex. Com a sua ausência, esse elo é desfeito e há um ruído entre ambos. Somente com a presentificação via rememoração é que ainda há, para Érika, a possibilidade amorosa entre ela e Alex e é por meio desse ato de rememorar que a narradora compõe suas gravações, que podem ser consideradas como o seu diário íntimo.

Dessa forma, a necessidade de falar sobre Karen, em que a narradora se concentra apenas em seu passado, é uma característica natural do processo de luto, de acordo com Sigmund Freud. Para ele, é somente por meio da lembrança é que o ausente não é esquecido. Desse modo, a re-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

memoração é um processo de imortalização, materializado pela narradora de *Paisagem com Dromedário* através de suas gravações.

Com isso, podemos compreender que o luto é um processo em que o mundo se tornou vazio porque o objeto ausente não se encontra mais nele; o que anteriormente era interessante, agora não é mais. Assim, as pinturas da narradora já não importam para ela, somente o gravador, seu instrumento pelo qual imortaliza Karen. Dessa maneira, é possível compreender que o luto muda a relação do indivíduo com o mundo e as gravações de Érika se configuram como um refúgio da narradora, que se encontra desamparada após a morte de seu objeto de amor. É através desse diário, então, que ela busca a cura de tal processo e, conseqüentemente, o seu retorno ao mundo externo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Diário de luto: 26 de outubro de 1977 – 15 de setembro de 1979*. Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LEJEUNE, Phillippe. Um diário todo seu. In: _____. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SAAVEDRA, Carola. *Paisagem com dromedário*. São Paulo: Cia. das Letras. 2010

_____. *Toda terça*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

_____. *O inventário das coisas ausentes*. São Paulo: Cia. das Letras. 2014.